

Remix Ensemble

Casa da Música

20 Feb 2018
19:30 Sala Suggia

-
INVICTA.MÚSICA.FILMES
CINE-CONCERTO
ANO ÁUSTRIA

Brad Lubman *direcção musical*
José Alberto Gomes (Digitópia Collective) *electrónica*

■
Wolfgang Mitterer

Symphony of Craze para *O Gabinete do Dr. Caligari* (2017)*

Filme de **Robert Wiene** (1920)**

Com: Werner Kraus, Conrad Veidt, Friedrich Fehér, Lil Dagover e Hans Twardowski

Duração: 77 minutos sem intervalo

*Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música e Philharmonie Luxembourg.
Cine-concerto apresentado em estreia mundial pelo Remix Ensemble Casa da Música,
a 14/11/2017, na Philharmonie Luxembourg.

**O filme é propriedade da Fundação Friedrich-Wilhelm-Murnau-Stiftung.



casa da música



Maestro Brad Lubman
sobre o concerto.

<https://vimeo.com/256059497>



Os músicos voaram na TAP AIR Portugal,
A companhia aérea da Casa da Música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Um filme simbólico do expressionismo

O Gabinete do Dr. Caligari, que estreou nos cinemas em 1920, é um filme alemão mudo de Robert Wiene (1873-1938). Conta a história de uma feira de diversões que se instala numa pequena localidade alemã com um ar estranhamente medieval. Um homem idoso chamado Doutor Caligari (Werner Krause) exhibe aí um jovem sonâmbulo, Cesare (Conrad Veidt), com dons de clarividência. Durante uma sessão, vaticina a um jovem, Alan, de que estará morto na manhã seguinte. A sua premonição torna-se realidade. Francis (Friedrich Feher), o amigo do jovem, fica perturbado e acha que o estranho médico e a sua criatura têm alguma coisa a ver com isso. Começa a vigiá-los obsessivamente...

Neste filme dividido em 6 actos, o realizador – contra a opinião dos argumentistas – inseriu um prólogo em que vemos dois homens a conversar num banco, mas que nada diz sobre o lugar onde se encontram, até à aparição fantasmagórica de uma mulher, Jane (Lil Dagover), que o herói apresenta como sua noiva. O breve epílogo – sem que nada seja revelado aqui sobre o enredo da história – também é aberto, deixando pairar uma dúvida na mente do espectador. É que *Caligari* é um filme sobre a loucura e o que se pode dizer é que não se sabe qual dos dois, Francis ou o Doutor, é o verdadeiro louco.

Um filme de referência

Esteticamente, uma das características de *Caligari* é o tratamento dos cenários. Entregues a artistas ligados à revista expressionista *Storm*, Hermann Warm, Walter Röhring e Walter Riemann empenham-se, através de cenários pintados, em recriar a percepção distorcida

da realidade do narrador. Linhas quebradas, perspectivas cortadas ou distorcidas parecem querer arrastar-nos com as personagens para uma espécie de loucura. A sombra, a luz, o contraste e o jogo, por vezes deliberadamente exagerado dos actores (Werner Krauss na cena em que o seu nome se acende um pouco por todo o lado à sua volta), também marcam um filme que se tornou uma referência na década de 1920. *O Gabinete do Dr. Caligari* é rapidamente considerado como o nascimento não apenas do cinema expressionista, mas também do género de terror. O filme marca gerações de cineastas desde Tod Browning a Tim Burton (nem que seja pela maquilhagem de Eduardo Mãos de Tesoura, uma espécie de remix da de Conrad Veidt, ou ainda os cenários de *O Estranho Mundo de Jack*), passando por Hitchcock (a cena do assassinato de Alan fazendo aqui invariavelmente pensar em *Psycho*) ou Brian de Palma que, em *O Fantasma do Paraíso*, se lembra com humor da representação vertical de Cesare no seu caixão.

O Gabinete do Dr. Caligari e a música

Apesar de assistirmos hoje à apresentação de música nova, com a assinatura de Wolfgang Mitterer (Lienz, Áustria, 1958), *O Gabinete do Dr. Caligari* contou originalmente com música produzida pelo compositor alemão Giuseppe Becce. (Aluno de Nikisch e Busoni, Becce trabalhou no cinema também com Fritz Lang e assumiu, simultaneamente, o papel principal e o de compositor no filme biográfico de Wagner realizado por Carl Fröhlich em 1913!)

Porém, nas últimas décadas tornou-se comum, por exemplo, durante operações de restauro de um filme, encomendar a compositores contemporâneos novas partituras. Vários autores, de diversas origens musicais, foram



assim confrontados com o *Doutor Caligari*. Entre eles, alguns compositores especializados neste tipo de obra: Timothy Brock, em 1996, ou mais tarde Donald Sosin deram a sua perspectiva musical do filme. Mas também há a assinatura de Rainer Viertblöck ou do Two Stars Symphony Ensemble, de Houston... Em 2014, na sexagésima quarta edição do Festival de Cinema de Berlim, estreou-se uma nova versão restaurada com música encomendada a John Zorn, enquanto o canal *Arte* (aliás também envolvido no projecto de restauro com a Fundação Murnau e o canal alemão *ZDF*) transmitia a mesma versão, mas com uma partitura musical entregue a vários compositores (entre eles Pablo Beltrán, Martin Bergande, Hong Ting Lai ou Cornelius Schwer...).

***Symphony of Craze* de Wolfgang Mitterer**

Como se pode observar, Wolfgang Mitterer enfrenta, com esta partitura, um verdadeiro desafio. Ao ler a breve sinopse que acabamos de apresentar, compreende-se a razão do título, cujo significado seria de outra forma pouco claro. A obra é composta para um conjunto de quinze músicos (flauta, oboé, clarinete em Si bemol/clarinete baixo em Si bemol, fagote, trompa em Fá, trompete em Dó, trombone, dois percussionistas, dois violinos, viola, violoncelo, contrabaixo, piano e um dispositivo electrónico), aproximando-a mais da sinfonia de câmara.

Organista, considerado um dos principais compositores austríacos da música electroacústica, Mitterer trabalha também com improvisadores provenientes do jazz ou da música erudita contemporânea (Roscoe Mitchell, Louis Sclavis, David Liebman, Sainkho Namtchylak...). Não é, por isso, de admirar

que na sua partitura dê lugar de destaque, por um lado, à improvisação e aos acidentes de percurso e, por outro lado, à emissão de música pré-gravada. Uma partitura parcialmente aberta que deixa assim uma parte entregue ao desconhecido e na qual, segundo Mitterer, “piano, baixo e electrónica suportam a estrutura”.

Breve olhar sobre a partitura

É difícil, numa curta nota de programa, analisar as cerca de 443 páginas que representam a duração dos setenta e seis minutos de música do filme. A tarefa torna-se ainda mais difícil pois a simples leitura da partitura não nos diz muito sobre os sons que serão emitidos, sobre a mais-valia que trarão ao conjunto e, é claro, sobre o que os músicos farão durante os momentos improvisados. No entanto, podemos focar-nos nalguns aspectos.

Do ponto de vista da forma, Mitterer, limitado pela estrutura do filme, respeitou escrupulosamente a divisão em seis actos, a que acresce a música prevista para o genérico. Uma vez que seria demasiado longo detalhar toda a partitura, analisemos os primeiros minutos do filme: estes permitem ao compositor inserir algumas características particulares com base em sons prolongados (geralmente através dos instrumentos de cordas e utilizando com frequência os *glissandi*) e em motivos de linhas quebradas, distribuídas, numa espécie de *klangfarbenmelodie*, por vários instrumentos e que parecem repercutir as perspectivas fugidias do cenário do filme.

A partitura começa logo com a apresentação das várias instituições que contribuíram para o seu restauro, quase um minuto antes de o filme original começar (com o aparecimento da águia da DECLA, empresa que produziu

originalmente esta longa-metragem). Quando aparece este genérico, há uma primeira alteração musical: às notas muito rápidas ascendentes tocadas pelos instrumentos de sopro e de cordas em desfasamento (ou, se se preferir, numa espécie de cânone muito rigoroso) segue-se uma sequência menos agitada onde se destacam, entre outros, um motivo tocado por um oboé, com apenas uma nota (um lá) que parece desempenhar um papel estruturante, e os *glissandi* dos instrumentos de cordas. A música volta às notas rápidas iniciais, mas desta vez descendentes. O primeiro verdadeiro motivo musical, tocado por um trompete, surge enquanto passam os nomes dos principais actores do filme. Durante a apresentação do título, as notas rápidas desvanecem-se para dar lugar, através dos instrumentos de cordas, às linhas quebradas que conduzem ao 1º Acto (motivo realçado por uma reminiscência da linha do oboé).

Todas ou quase todas as técnicas de escrita utilizadas por Mitterer estão resumidas nestes curtos segundos. É útil recordar aqui a importância fundamental de um genérico de um filme: é ele que nos faz entrar numa atmosfera, num clima. As linhas melódicas das notas rápidas, usando cromatismos, bem como as linhas quebradas e fragmentadas das diferentes células (distribuídas pelos instrumentos de sopro sobre sons prolongados dos instrumentos de cordas), que abrem o 1º Acto, simbolizam talvez a confusão que reina nas mentes perturbadas dos protagonistas desta história de terror.

Nem por isso a partitura está isenta de momentos que podemos designar de mais *liricos*. Assim, a primeira aparição de Jane como esposa fantasmagórica – ainda estamos no prólogo – é realçada por um motivo mais calmo, mas imediatamente perturbado pelo retomar das notas rápidas iniciais quando se percebe

que ela não está no seu estado normal. Segue-se um novo momento, aparentemente mais calmo, atravessado por fragmentos de motivos interrompidos (que surgem muitas vezes quando Francis está na imagem).

Talvez seja exagerado evocar nesta partitura a presença de um *leitmotiv* no sentido wagneriano do termo. Contudo, o ouvinte detectará facilmente elementos recorrentes, quer quando uma personagem aparece (acabamos de mencionar o caso de Francis), quer quando um lugar (por exemplo, a feira de diversões) aparece de novo como cenário. Por conseguinte, quando a história nos leva até à feira no final do 1º Acto, pode ouvir-se um motivo em sextina incompleta (5 notas e um silêncio), que ressurge no início do 2º Acto (quando Caligari toca a campainha que o compositor optou por nos deixar *ouvir*).

Eis uma descrição muito breve de alguns exemplos retirados de uma partitura densa, que tem outros motivos e outras células recorrentes que poderiam ser analisados de forma mais aprofundada. Note-se que este texto foi escrito sem que o autor destas linhas tivesse a oportunidade de ouvir a partitura sincronizada com as imagens. No entanto, uma leitura paralela da partitura e do filme permitiu avaliar a qualidade de uma música que, através de uma escrita contemporânea que usa meios musicais enraizados no seu tempo (improvisação livre, sons gravados), não trai em nada a estética do filme de Robert Wiene, mas, pelo contrário, dá a sensação de proporcionar às imagens perturbadas do realizador um universo novo.

PHILIPPE GONIN, 2017

Tradução: Carla Basto

Nota de programa escrita originalmente para a estreia mundial do cine-concerto na Philharmonie Luxembourg, a 14/11/2017.

Brad Lubman *direcção musical*

O maestro e compositor americano Brad Lubman conquistou largo reconhecimento ao longo das últimas duas décadas pela sua versatilidade, técnica apurada e interpretações profundas. Requisitado pelas principais orquestras da Europa e dos EUA, tem mantido colaborações regulares com agrupamentos como a Sinfónica da Rádio Bávara, Sinfónicas NDR e SWR e Sinfónica Alemã de Berlim, Sinfónica Nacional Dinamarquesa e Orquestra Sinfónica Casa da Música. Para além de uma agenda preenchida na Alemanha, é frequentemente convidado a dirigir algumas das principais orquestras mundiais, entre as quais a Orquestra Real do Concertgebouw, a Filarmónica da Radio France, a Filarmónica de Los Angeles, a Sinfónica de São Francisco, a Orquestra del Maggio Musicale Fiorentino e as Sinfónicas de Barcelona e Xangai.

Trabalha também com alguns dos mais importantes agrupamentos europeus e americanos de música contemporânea, tais como Ensemble Modern, London Sinfonietta, Klangforum Wien, musikFabrik, Ensemble Resonanz, Remix Ensemble, Los Angeles Philharmonic New Music Group, Chicago Symphony Music-NOW e Steve Reich and Musicians.

Brad Lubman iniciou a temporada de 2017/18 como Compositor em Residência no Festival Grafenegg na Áustria, no duplo papel de maestro e compositor, tendo aí apresentado o workshop “Ink Still Wet”. Um dos momentos a destacar nesta residência foi uma actuação com a Tonkünstler Orchester da Áustria, em que dirigiu música de Brahms e Mahler, bem como a estreia mundial da sua obra *Reflections*, para orquestra. Além de se apresentar pela Europa à frente do Ensemble Modern e do Klangforum Wien, e nos EUA com o seu

Ensemble Signal, prossegue as colaborações com orquestras como a Sinfónica WDR e a Orquestra Sinfónica Casa da Música, e estreia-se com a Filarmónica de Bruxelas.

Brad Lubman é fundador e co-director artístico e musical do Ensemble Signal, de Nova Iorque (<https://signalensemble.org>). A sua gravação de *Music for 18 Musicians* de Steve Reich para a Harmonia Mundi foi premiada com um Diapason d’Or (2015) e figurou na tabela Billboard Classical Crossover. É Professor Associado de Direcção e Ensembles na Eastman School of Music em Rochester (Nova Iorque), e membro do Bang-on-a-Can Summer Institute.

A discografia de Brad Lubman distribuiu-se pelas editoras Harmonia Mundi, Nonesuch, AEON, BMG/RCA, Kairos, Mode, NEOS e Cantaloupe.

Digitópia Collective *electrónica*

Singular no panorama nacional, o Digitópia Collective é a plataforma artística da Casa da Música reservada à criação musical em suporte tecnológico. No seu trabalho, o ensemble desenvolve ferramentas musicais aplicando processos e modelos tão diversos quanto o design de instrumentos digitais, a concepção de hardware próprio, o *circuit-bending*, a exploração das relações entre imagem e som, a prática de VJaying e DJaying, a *digital media* ou os sistemas digitais interactivos. Realiza formação especializada na área das ferramentas digitais. Dedicar-se também à criação e disponibilização de *software* de exploração musical. Colabora regularmente com os agrupamentos residentes da Casa da Música, assumindo a realização da componente electrónica em tempo real na interpretação de repertório dos séculos XX e XXI.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, o concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin, *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis (uma encomenda da ECHO), *Da capo* de Peter Eötvös e a ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei, apresentada no Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão. Fez a estreia mundial da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi, interpretada no Porto e em Estrasburgo, e apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender – ambos com encenação de Nuno Carinhas.

Em 2016 juntou-se à banda de rock Mão Morta para um programa com arranjos originais de Telmo Marques sobre o repertório do colectivo bracarense. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Em 2017 fez as estreias em Portugal de *Theseus Game* de Harrison Birtwistle e *Stabat Mater Dolorosa* de James Dillon, apresentando ainda o Concerto para violino de Ligeti com Ilya Gringolts.

Na temporada de 2018, o Remix Ensemble apresenta uma retrospectiva da obra de Georg Friedrich Haas que se inicia com *In Vain* e inclui a estreia mundial de uma nova encomenda. Interpreta Anton Webern ao lado da soprano Christina Daletska, Thomas Larcher com o barítono Benjamin Appl e música de Wolfgang Mitterer para um clássico do cinema expressionista: *O Gabinete do Doutor Caligari* de Robert Wiene, encomenda em parceria com a Philharmonie do Luxemburgo que o Remix estreou recentemente nesta sala. Regressa à Elbphilharmonie de Hamburgo, ao deSingel de Antuérpia e à Philharmonie de Colónia, apresentando-se nesta última ao lado do pianista Andreas Staier.

O Remix tem quinze discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
Albert Skuratov

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor Pereira

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Ales Klancar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst

**24 Fev Sáb - 18:00 Sala Suggia
Gurre-Lieder**

**Orquestra Sinfónica
& Coro Casa da Música**

Stefan Blunier direcção musical

Magdalena Anna Hofmann Tove/soprano

Christina Daletska Waldtaube/meio-soprano

Robert Dean Smith Waldemar/tenor

Jeff Martin Klaus-Narr/tenor

André Baleiro Bauer/barítono

Salome Kammer narradora

Arnold Schoenberg *Gurre-Lieder*

(versão Erwin Stein)

Era uma vez um rei dinamarquês chamado Valdemar, cuja mulher assassinou a sua amante no Castelo de Gurre. Esta lenda, cuja suposta veracidade remonta ao século XII, deu origem às Canções de Gurre com base em poemas de Jacobsen e que Schoenberg conheceu na tradução alemã. O resultado foi uma grande cantata para orquestra, coro, narrador e cinco solistas que personificam as personagens da história de amor. Estreada na celeberrima Musikverein de Viena em 1913, a cantata gozou de um sucesso estrondoso e é considerada uma das grandes obras-primas da música ocidental. Nesta interpretação, sob a direcção do maestro suíço Stefan Blunier, *Gurre-Lieder* conta com um elenco internacional de solistas do mais alto gabarito e no qual se inclui o jovem barítono português André Baleiro, o mais recente vencedor do prestigiado Concurso Internacional Robert Schumann de Zwickau.

**11 Mar Dom - 18:00 Sala Suggia
Richard Goode**

Ciclo Piano Fundação EDP

William Byrd *2 Pavanas e Galhardas de My Lady Nevills Booke*

J. S. Bach *Suíte Inglesa nº 6 em Ré menor*

L. van Beethoven *Sonata nº 31 em Lá bemol maior, op. 110*

–

Claude Debussy *Prelúdios, 2º caderno*

O pianista Richard Goode goza de um estatuto lendário nas principais salas de concerto do mundo, tendo sido apelidado pela crítica como “a resposta norte-americana a Alfred Brendel”. Após vencer o Concurso Internacional Clara Haskil, em 1973, lançou-se numa carreira internacional especialmente reconhecida pela discografia que inclui integrais das sonatas e concertos de Beethoven e dos concertos de Mozart. Bach está igualmente entre os seus compositores de eleição e Brahms valeu-lhe o prestigiado Grammy Award. No seu recital de estreia na Casa da Música, Richard Goode apresenta peças incluídas na sua discografia premiada e celebra o centenário da morte de Debussy, interpretando o segundo caderno dos Prelúdios.

14 Mar Qua - 21:00 Sala Suggia
Terence Blanchard
feat. “The E-Collective”

Ciclo Jazz

Terence Blanchard trompete
Charles Altura guitarra
Fabian Almazan piano
David “DJ” Ginyard Jr. baixo
Oscar Seaton bateria

Foi na altura em que gravava a música para os filmes *Inside Man* de Spike Lee e *Talk to Me* de Kasi Lemmons que Terence Blanchard imaginou, com Oscar Seaton, uma banda que sobrepusesse *grooves* carregados de funk, R&B e sonoridades blues. Alguns anos depois, esse conceito deu origem ao som que define o E-Collective, com muita electricidade distribuída pelo baixo, a guitarra e os processadores de efeitos, num efectivo bem diferente daquele que o trompetista explora no seu quinteto de jazz. Com este projecto, Blanchard aproveita para se fazer ouvir a respeito dos acontecimentos que têm atingido a comunidade negra nos EUA. O primeiro álbum intitulou-se *Breathless* e foi dedicado a Eric Garner, um cidadão negro morto pela polícia, e o álbum de 2018 foi gravado ao vivo em várias cidades que têm sido atingidas por tensões raciais. “A música e a arte têm o poder de mudar corações e almas”, diz o compositor – uma convicção que ganha vida através da da música contagiante e dançável de Blanchard e do seu E-Collective.

20 Mar Ter - 19:30 Sala Suggia
Ressurreição

Remix Ensemble e
Coro Casa da Música

Estágios de Orquestra e Coro da ESMAE

Peter Rundel direcção musical
Sarah Wegener soprano
Louise Callinan meio-soprano

Gustav Mahler (arr. Gilbert Kaplan/Rob Mathes)
Sinfonia nº 2, Ressurreição

“Com asas, que para mim ganhei, desvanecerei! Morrerei para poder viver!” É um desejo de redenção existencial e de imortalidade espiritual que dá origem à *Segunda Sinfonia* de Mahler. Partindo de uma grandiosa cerimónia fúnebre – *Totenfeier* –, o compositor resgata o herói do mundo dos mortos, elevando-o a uma ressurreição poderosa e envolvente. Herdeira da *Nona* de Beethoven, pelo uso de coro e vozes solistas e pelo seu carácter metafísico, a sinfonia atinge o auge com o júbilo explosivo da vida eterna. As inúmeras referências filosóficas, literárias e religiosas passam por momentos como o Sermão de Santo António aos peixes, o Juízo Final e a ressurreição de Cristo.



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

